

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

Valdecir de Oliveira Anselmo

Desiderato de um aedo
Poesias e Pensamentos

Caxias do Sul – RS
2009

Dedicatória

Dedico esse livro de poesias e pensamentos a todos os espíritos que coexistem nesse abençoado orbe nesses dias em que a luz insufla de paz e alento os corações. Em que a alma se embebe no méleo sorriso de um anjo sereno e evolva o pensamento, com as asas da ternura, em seu ruflar triunfante, espargindo-se a esperança em todo o páramo desse empíreo, de onde o enlevo efusivo, que dimana dos seres que lhe gravitam na vibração serena, vem a se imiscuir nos sonhos dos seres tão amados, acalentados por diletta afeição. Nesses dias de silente euforia, em que o alarde do encanto é sentido no pulsar do coração e a ventura dos nimbados irmãos transluz ao estreitar-nos à alma, com afetuosa efusão, sorvemos a esperança em nímio gole, qual sedentos de sua abluente paz, esfaimados da sua luz. Nesses dias de indizível fulgor, em que a flama do alento, ateadada pelo decantado amor, perpassa na alma e nidifica no coração, com seu bafejo de ternura, adeja num céu, tirante ao azul dos entrajados serenos, esse Anjo que se imiscui no sempiterno manancial do encanto e respinga os sobejos de sua glória sobre a Terra, ávida do seu lirial aconchego. Nesses dias de exultação da alma, a remissão vem como um ósculo requestado pelo coração enamorado desse inefável deleite, no qual a deidade insufla de vivificante alento e o anelo de paz e harmonia paira sobre as frentes, nas quais a luz dormita, e os olhos, em regalo, vislumbram um raio de luz que se imiscui na escuridão e perdura, enquanto os espíritos irmanados permanecerem em seu aconchego, porém será um prelúdio do que há de vir e nunca mais desvanecer-se-á, posto que será indelével nos espíritos, norteados seus passos rumo à fraterna comunhão dos seres que coexistem nesse orbe abençoado chamado Terra. E estes dias de conflito e dor, nos quais estamos embebidos, serão olvidados, sem resquícios deixar na memória da póstera alvorada, berço então do homem redivivo, visto que esse, do qual somos o resultado, com todas as suas mazelas e nódoas em seu espírito, será aniquilado pela torrente de luz que lhe embeberá o espírito e transmutá-lo-á, inexoravelmente, malgrado sua vontade e terá a forma com a qual fez jus pelo livre arbítrio. A oportunidade de remissão se nos desvela nesses momentos de ensimesmamento e reflexão. Buscamos nela arrimo e que nos seja uma prancha de salvação que nos conduzirá, em deriva, rumo à luz que nos espera. Não nos debatamos, irmãos, contra a correnteza de luz, pois embalado será nosso esforço e o máximo que conseguiremos será o exaurimento de nossas forças.

Introdução

Flores são murcháveis, como murcháveis são os entrajados que revestem as almas, os corpos. Porém a recendência olorosa do perfume das flores tem a imarcescibilidade do espírito, pois ambos se desasiam das formas perecíveis quando essas se estiolam, fenecendo, e evoluem pelos ares, sem perderem sua personalidade, sua olência peculiar. Eis porque oferecemos flores para quem estimamos, pois as flores possuem a imanência de seu perfume que perpassa rente ao coração e impregna-o de dulcíflua ternura, indelével, como o sentimento que provém do espírito que lha ofertou, mesmo depois que murcharem. Esse livro anela ser o perfume de uma flor, a recender alento e luz para aqueles vierem a lê-lo.

É um singelo livro de poesias e pensamentos sob a égide do anelo ou desiderato de transluzir de si algo de proficuo ou útil no tocante a transmitir paz e harmonia ao leitor.

O mesmo está dividido em duas partes. A primeira são poesias, na qual o autor assina como *Dileto Aedo dos Anjos*, seu pseudônimo poético e a segunda parte são pensamentos, sob o pseudônimo de *Deófilo Enteu Ponderatus*.

Biobibliografia

Valdecir de Oliveira Anselmo nasceu na cidade de Tapejara, interior do Rio Grande do Sul, em data de dezoito de julho do ano de 1969 e mora, atualmente, na cidade de Caxias do Sul, no mesmo Estado. Filho de Pedro Ari Souza Anselmo e de Dejanira de Oliveira Anselmo, o mesmo é Bibliotecário, formado pela Fundação Universidade do Rio Grande, no ano de 1999. Dilectante da poesia, escreve desde 1991, sob a égide desse gênero.

Livros publicados:

Poesia:

ANSELMO, Valdecir de Oliveira. **Cálido ósculo do encanto**. Caxias do Sul: ed. do autor, 1991.

ANSELMO, Valdecir de Oliveira. **Fluidez**. Caxias do Sul: ed. do autor, 1991.

ANSELMO, Valdecir de Oliveira. **Recendência**. Rio de Janeiro: Quártica, 2008.

ANSELMO, Valdecir de Oliveira. **Estro**: engenho poético. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.

Livros E-Books (na Internet):

1. Almejos da angelitude – pensamentos. Valdecir de Oliveira Anselmo. Edição do .pdf
2. Angelitude (poesias) Valdecir de Oliveira Anselmo. Edição do Autor . pdf
3. Recanto aprazível: poesias 2008 Valdecir de Oliveira Anselmo [ea] Edição do Autor .pdf

Participação em antologias

1. Cone Sul: antologia literária. Rio de Janeiro: Litteris, 2000

Obra: Regateando (poesia)

2. Terra brasilis: 500 anos de amor ao Brasil; antologia literária. Rio de Janeiro: Litteris, 2001

Obra: Ó meu Brasil! (Poesia)

3. Livro diário do escritor 2007. Rio de Janeiro: Litteris, 2007

Obra: Pensamento

4. Livro diário do escritor 2008. Rio de Janeiro: Litteris, 2007

Obra: Colóquios de um anjo com a esperança (Poesia)

Livros de referência literária

1. Novo dicionário biobibliográfico dos escritores brasileiros 2000. Rio de Janeiro: Litteris; São Paulo: Casa do Novo Autor, 2001

2. BERTUSSI, Lisana Teresinha. **Dicionário biobibliográfico de escritores da região de colonização italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: das origens a 2005. Porto Alegre: EST, 2006

Site Literário

<http://sites.google.com/site/refocilodopoeta>

E-mail

valdeciranselmo@gmail.com

Livros não publicados

Dos enlevos de um anjo (Poesias) – Registrado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional sob nº 182.667 em 20 de setembro de 1999.

Livro em andamento

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos.

Menção Honrosa

1992 – Instituto da Poesia Internacional – Porto Alegre – RS

Gênero: Poesia

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

“Menção Honrosa Especial” pela participação no 5º Concurso Nacional de Poesia.

Obs.: Juntamente com a menção fora feito convite para ocupar uma das Cadeiras na Divisão Acadêmica da Instituição como Sócio Titular Remido Correspondente.

Publicação em Jornais

2002 – Jornal Pioneiro – Caxias do Sul - RS

Almanaque Sete Dias

Gênero: Poesia

Obra: Efusão

* Obra publicada no “Almanaque” do Jornal Pioneiro do dia 19 e 20 de outubro de 2002, na seção “Canto da Poesia”.

Participação em Concursos

1 - 1997 – Oficina Cultural “SAMAS”

Torre de Pedra “Periódico” – Oficina Cultural SAMAS – Departamento de Artes

Gênero: Poesia

Obras: Escultura de meus sonhos; A um anjo; Esse tal amor.

Certificado marcando a entrega do VIII Troféu Poeta Nilo Torres, III Troféu Engº Raffaele

Nigro e III Troféu Jacob Wainstein

2 - 1998 – Oficina Cultural “SAMAS”

Torre de Pedra “Periódico” – Oficina Cultural SAMAS – Departamento de Artes

Gênero: Poesia

Certificado marcando a entrega do IX Troféu Poeta Nilo Torres, IV Troféu Engº Raffaele Nigro e IV Troféu Jacob Wainstein

3 – Rio Notícias

Concurso Nacional de Poesia

Gênero: Poesia

Certificado de participação no III Concurso Nacional de Poesia, promovido pelo Jornal Rio Notícias, na qualidade de concorrente.

4 – 2000 – Academia Caxiense de Letras

Concurso Regional Literário da Academia Caxiense de Letras

Gênero: Poesia

Diploma de participação no IV Concurso Regional Literário da Academia Caxiense de Letras 2000, realizado no período de 01 de setembro a 11 de outubro de 2000

Participação em Entidades

Casa do Poeta Brasileiro – Cassino – RG

Categoria: Sócio Efetivo

Academia Caxiense de Letras – Caxias do Sul – RS

Membro Efetivo

Participação em Feiras do Livro

17ª Feira Regional do Livro de Novo Hamburgo

Participação no evento “O autor da Berlinda”, coordenado pela ALVALES (Academia Literária do Vale do Rio dos Sinos), na 17ª Feira Regional do Livro de Novo Hamburgo, realizada no período de 02 a 12 de outubro de 1999.

24ª Feira do Livro de Caxias do Sul – RS

Participação no evento: sessão de autógrafos (27/09/2008) na 24ª Feira do Livro de Caxias do Sul – RS, realizada no período de 26 de setembro a 12 de outubro de 2008, da obra

“Recendência”, Editora Quártica.

Poesias

1 - Nubentes

Valdecir de Oliveira Anselmo – 01/02/2009

Quando do enlace afetivo dois espíritos se estreitam
E em regozijo se deleitam na comunhão dos sentimentos
Convergindo seus pensamentos em uma ditosa ventura
Seus seres transluzindo ternura a lhes acalantar os momentos

Enleados esses em alacridade silente
Medrando então a semente da felicidade superna
No solo fecundo da terna vivência em harmonia
Pois onde há sintonia lá há paz coeterna

Quando dois seres buscam a nubência
Nela impregnada a olência da mais cândida união
A lhes insuflar sensação da solitude alijada
Fazendo feliz toada o encanto, fundindo-os num só coração!

2 - Cálido ósculo

Valdecir de Oliveira Anselmo – 16/02/2009

A alma se refocila num cálido ósculo adrede requestado
Num afeto sublimado pela candura transluzida
Num ser que a tem aludida em cada verso silente
No encanto em si imanente e que o acompanha na vida!

Um beijo é o que lhe apetece e está decantado nos diletos sonhos seus
É o que lhe aproxima de Deus, posto que insufla de ternura
E o eleva à altura, sobraçado ao amor
Impregnado desse candor, tirante à luz tão pura!

Um beijo estreita as almas, é um enlace indelével
Perdurando, inolvidável, naqueles que sinceros são
Naqueles que de coração osculam tão ternamente
Naqueles que tão docemente vislumbram o encanto somente a arrostar a visão!

3 - Redenção da alma pelo amor

Valdecir de Oliveira Anselmo – 17/02/2009

A inefável luz do afeto perpassa nos corações dele ávidos
Abastando-os, comovidos, desse imarcescível entusiasmo
Que alija todo marasmo que acomete os não alentados
Pelos mananciais inspirados desse inexaurível encanto, deixando o ser tão pasmo!

Admirando, num fascínio, com tal deleite!
Ataviando a alma desse enfeite, tal encanto que a alcandora!
Que a torna tão encantadora, tão excelsa, sublimada
Deixando-a susceptível a ser amada ao acalanto da luz, sua redentora!

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

Buscamos refocilo, tal abluência!
Embebamos nossa essência na limpidez de um amor tão puro!
Deixemos que a luz, com o seu acuro, nos envolva, num estreitar!
Que venha nos deleitar, nos amparar, deixar seguro!

4 - O poder do encanto e seu inolvidável perfume

Valdecir de Oliveira Anselmo – 18/02/2009

Embebidos numa dulcíflua alegria
Qual outra igual não havia, eis que se unem dois seres!
Seus risos, seus gestos, prazeres, se fundindo, coadunados!
De encanto tão abastados, tinham inauditos poderes!

Por onde passavam deixavam indelével olência!
Inolvidável tal era a recendência, ao espírito impregnar!
E quem tivesse a flamar esse encanto acossava
E a alma nele já estava, toda encantada, embebida. E como poderia não estar?

Deixando a alma insuflada de todo afeto que essa pudesse conter
Que para a mesma se comprazer, se embeber em sua abundância
Haurindo então para a sua essência a substância do inefável
Tornando o ser afável, susceptível ao encanto, no imo vivaz de sua lembrança!

5 - Mãos dadas

Valdecir de Oliveira Anselmo – 19/02/2009

Demos as mãos! Estreitados em dólido afago
Sorvamos, num trago, em nímio gole, esse carinho estremoso!
Encanto vivaz, deleitoso, deixamos em nós perpassar!
Que possa o mesmo ficar e se expressar tão garboso!

Para embeber nossa alma possa ele então insuflar
Fascínio que então perdurar, para a alacridade se impor
Com seu perfume, seu olor, com graça de si dimanante
Que fique indelével esse instante, ataviado em candor!

Demos as mãos, tão somente, demos as mãos, enlevados!
E nesse gesto espontâneo, enleados, vamos flamar!
Vamos deixar nos levar por uma brisa aprasível
A nos incidir, apetecível, como um beijo a nos dar!

6 - A sinfonia do amor

Valdecir de Oliveira Anselmo – 20/02/2009

Da luz indelével que dimana da poesia
Há inaudita alegria que dela eclode
Há um mavioso acorde de ternura impregnado
Deixando o ser alentado pra compor poema ou ode!

Ouçamos a sinfonia do amor, essa nos embevece!

Incide no ser, lhe aquece, em deleitosa quentura!
Entrajando-o com tal formosura, alindando toda sua essência
Pra que dimane a olência, eflúvios de sua ventura!

Vamos sorrir, meu amor, pois nossa alma é ridente!
Vamos contagiar toda gente, aquele que por nós perpassar!
Vamos fazê-lo exultar, jubiloso, qual criança!
Insuflando-lhe luz, esperança, fazendo sua alma vibrar!

7 - Enleado ao encanto

Valdecir de Oliveira Anselmo – 23/02/2009

Ouvindo opima canção meu ser então comovido
Tendo aguçado o ouvido para de oitiva imitar
Com tal graça peculiar, criar um próprio estilo
Sem ser segredo, sigilo, pra ti eu vou revelar!

Busco, enleado ao encanto, a tão decantada harmonia
Pois essa tem sintonia com a perfeição que está lá
Ela alegria nos dá, toda fagueira, encantada
Pois vemos ao longo da estrada a luz que brilha acolá!

Há inaudita ternura quando o encanto pelegirino deambula
E eis que a paz então pulula, em miríade de ventura!
Vindo a tal formosura, a decantada beleza
Nos imbuir da certeza de que melíflua pureza nos inebriará de candura!

8 - Abluência

Valdecir de Oliveira Anselmo – 23/02/2009

Deixemos que a alma se ablua na fonte inexaurível da poesia
Que haja alegria, tão somente, a se imiscuir nela
Que quando o brilho de uma estrela nela incidir
Venha então lhe incutir a luz vivaz que se revela!

Que venha então se imiscuir, fazer de si algo inerente
Pois que o espírito quando presente a tão decantada alegria
Já ouve a voz da poesia, inolvidável ao pensamento
A dimanar luz, um fomento, que não se arrefecia!

Vamos fazer da inspiração o nosso guia tão zeloso!
Que ele seja prestimoso e que alegria em nós insufla!
Que quando a mesma ao vento rufle só ternura em nós perpasse!
Que seja méleo esse enlace e que dele o espírito então se nutra!

9 - Na claridade

Valdecir de Oliveira Anselmo – 25/02/2009

Teu encanto minha alma inebria
Traga a luz para na poesia se imiscuir, na feericidade!
Junto a si a felicidade perpassa, toda eufórica
Para em paisagem onírica fazer sua morada, na claridade!

Na poesia não há arrefecimento
Pois tudo o que o pensamento aventar possa
A realidade endossa e nada será surpresa
Pois em tudo a vivaz certeza qualquer circunstância acossa!

Nenhum mal ao poeta acomete
Pois seu pensamento o remete à luz da sua consciência!
Pois ilibada está sua essência, na candura dos seus anelos
E os anjos, com seus desvelos, dão-lhe o afago da sua ciência!

10 - À decantada musa

Valdecir de Oliveira Anselmo – 25/02/2009

Vamos buscar, poesia, a tão decantada musa
Para ficar imiscuida, inclusa em nosso anelo puro!
Que exale então para o futuro seu bafejo tão dulcífluo!
Que seu cantar melífluo tenha a paz que então procuro!

Quando o desencanto o espírito estiolar
E ele, plangente, chorar, um choro sentido!
Que venha um anjo comovido a lhe trazer lenitivo
Encanto convidativo para um refocilo, quiçá merecido!

Vamos nos insuflar de todo encanto que nossa alma puder assimilar
Vamos imitar o canto de um anjo garboso
Esse canto tão mavioso, impregnado de harmonia!
Vamos ouvi-lhe a poesia. Cada verso tão primoroso!

11 - Recanto bucólico

Valdecir de Oliveira Anselmo – 26/02/2009

Num recanto bucólico entrajamo-nos de tal embevecimento!
Que sugira ao sentimento ternura inusitada!
Que a candura decantada tenha a pureza tão almejada!
Peguemos a canção estimada por um anjo e façamos dela a sinfonia para a amada!

Encanto melífluo exalando de nosso ser gentil
Mas sem ser piegas, pueril, porém espontâneo, garboso
Pedindo a um anjo formoso que inspiração nos conceda
Para seguir na vereda com porte tão galhardoso!

Deixemos que a luz nos incida
Para que a alma invida sua dulcíflua jornada!

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

Que siga feliz na estrada em destino adrede traçado
Pelo meu anjo inspirado e que a mantenha alentada!

12 – Buscando a inocência

Valdecir de Oliveira Anselmo – 28/02/2009

Sou um poeta e muito não sei
Mas leio na lei que tudo regula
E então especula minha alma com arroubo, afoiteza!
Mas tendo a meiga pureza de um comedido, sem gula!

Talvez num átimo o encanto de nós se oculte
Ou quiçá por fim faculte em nossa alma a presciência!
Que venha laivo da inocência que deixamos bem atrás
Lá no recanto, aonde de compraz, sorvendo-lhe a paz, a nossa essência!

Vamos volver a ela, esse é o nosso anelo!
Antevendo o futuro e um anjo belo a oscular a nossa frente!
Vamos pedir que então nos conte passagens de sua aventura!
Que fale da ventura deleitosa... Norteando-nos, a luz aponte!

13 – À luz da inspiração

Valdecir de Oliveira Anselmo – 07/03/2009

Vamos seguir, meu anjo, resolutos, nessa vereda!
Que a luz venha e nos conceda, complacente, seu refocilo!
Que venha silente, em sigilo, e que em nossa alma se imiscua!
Deixando-a transparente, nua, a se mostrar sem nenhum vacilo!

Ruflaremos nossas asas, em um alarido estridulante!
Vamos, num canto unissonante, expressar o sentimento!
Vamos, em um só pensamento, unir a nossa alegria!
Vamos ao albor de um novo dia buscar nele o nosso alento!

Um anjo dormita em nossa alma agora!
Ele desperta, a desoras, quando esta está silente!
Ele transmite à nossa mente lampejos de sua alvura!
Dele transluz toda ternura e seu afago a alma sente!

14 – Arrefecimento e ânimo

Valdecir de Oliveira Anselmo – 09/03/2009

Se arrefecer o encanto, num átimo, que seja breve!
Que o desencanto seja alijado, que um anjo o leve o quanto mais longe possível!
Vamos tornar exequível o nosso anelo diletto!
Que ele suscite um afeto puro, iniludível!

Reverberemos encômios, o nosso sincero elogio!
A tudo que for belo e não vil, a tudo que for excelso, for nobre!
Que a luz venha e nos cobre uma postura tão digna, ilibada!

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

E quiçá destoadada não esteja à pureza que atavia o encanto, o recobre!

Ah, meu anjo, com o espírito esfuziante o nosso deleite externemos!
Em nímio gole então sorvemos a capitosidade da verve anelada!
Tenhamos a alma alentada no refocilo de um puro anelo!
Tenhamos de um anjo o seu desvelo e o afago doce de uma alma amada!

15 – Deleite ardoroso

Valdecir de Oliveira Anselmo – 14/03/2009
Dia Nacional da Poesia

Amamos a formosura excelsa, a sua airosidade!
Amamos com tal intensidade, num desvelo extremo!
Tenhamos o ímpeto galhardoso dos amantes do belo!
Almejamos com tal anelo, o deleite ardoroso!

Solfejemos a música suave, acudimos ao chamado harmonioso!
Tenhamos o ser garboso ou almejamos sê-lo!
Buscamos afagar, com tal zelo, com um carinho imanente!
Deixando brotar a semente do amor e em nosso ser conte-lo!

Hoje a poesia desvela, com sua graça solícita, deveras atenciosa!
Com o olor de uma rosa em melifluências ao vento!
Incutindo no pensamento entéia inspiração
Aquele doce visão que embala o ser em seu embevecimento!

16 – Bibliotecário

Valdecir de Oliveira Anselmo – 12/03/2009
Dia do Bibliotecário

Oh! Bibliófilo! Andejante na vereda do conhecimento!
Que propalais, com o fomento do seu entusiasmo diletante!
Arregimentando um consultante famélico! Interrogações nos laicos olhos!
A luz nesse escrínio, refolhos onde o saber está pululante!

Nos livros encontra um lenitivo, um refrigerio!
Que aplaca o deletério desconforto, atroz inanição da ignorância!
Com a melíflua fragrância de ambrosia preparada por um ser angelical!
Prândio frugal para os literatos, seres ataviados de inaudita elegância!

Oh! Vós que acalentaís em seu imo esse tão nobre desiderato
De ter algum contato com os espíritos de escol
Esses que se encontram no rol de bibliografia proposta
Que tragam, por fim, resposta! Que guiem, nos sejam um farol!

17 – Afago enteu

Valdecir de Oliveira Anselmo – 19/03/2009

Meu anjo tem um inolvidável sorriso!
Ele busca no paraíso a inexaurível fonte do encanto seu!
Para ele a luz do céu lhe atavia com indelével graça!
Todo seu corpo embebe, enlaça num afago enteú!

Meu anjo tem esse encanto inefável!
Ah, ele é amorável! Estimado ele é nas celestes esferas!
Ele desbrava terras inóspitas! Ele é intimatoro!
Ele é um literato! Ele tem o dom das letras!

Meu anjo brinca com as palavras! Ele é tão gracioso!
Meu anjo é garboso! Dele transluz alacridade!
Ele é só felicidade! Oloroso é seu ser!
Sua poesia quem a ler sentir-lhe-á a intensidade!

18 – Inolvidável imagem

Valdecir de Oliveira Anselmo – 20/03/2009

Sob a umbrosidade de um aprazível vergel arboreado
Eis que um anjo inspirado por inspiração entéia
Deambulava em uma aléia! O encanto lhe incidindo!
Pois vejo que ele estava haurindo da Divina Fonte uma vigorosa idéia!

A inolvidável imagem que suscita seu encanto airoso
Tinha perfume oloroso, lentejado pelo rocio da ternura!
Tinha a cândida alvura! Era a sílfide imagem do paraíso!
Onírico era seu sorriso e peculiar garbo sua postura!

Suas representações mentais eram borrifadas pela dulcilidade!
Pois em seu ser a alacridade perpassava, deleitosa!
Sua alma tão formosa o decantado encanto excelia!
Trazia ele o arbor do dia em sua auréola radiosa!

19 – A firmeza de um poeta

Valdecir de Oliveira Anselmo – 22/03/2009

Com o espírito insuflado de divina inspiração
E o coração pulsando sob o influxo do encanto
Com seu melífluó acalanto lhe incidindo, palreava!
A divinal poesia ao léu lançava o meu poeta, no seu recanto!

O poeta exalava recendência tirante à ternura angélica
Inculcando em alma famélica o lenitivo da poesia sua
Pois ela sugere, insinua a paz que a alma almeja!
Ela traz, nas entrelinhas, certeza de que a alma tem recheio, não é crua!

Digo ao meu poeta que dele transluz um tal carisma!
Medrando, então, a sua rima no verdolengo solo da esperança

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

O puro entusiasmo de criança, na maturidade de seu estilo!
Que ninguém conte em dissuadí-lo, nem oblitera-lhe a luz, sua confiança!

20 – Poesia, olorosidade do encanto

Valdecir de Oliveira Anselmo – 24/03/2009

Nesse dia em que o encanto se atavia de sua mais garbosa vestimenta!
Em que a alma se alimenta do prândio apetecível do que é amorável!
Em que o afago deleitável do aprazível sol incide seu ósculo flavescente
Eis que um ser aurifulgente deambulava num recanto agradável!

Nesse dia a luz dimanava de si qual manancial constante
Seu canto tornava um instante algo no tempo inolvidável!
Poesia, sentimento insopitável, era como o respirar!
Era como o deixar-se inebriar por seu perfume apreciável!

Poesia, perfume oloroso! Recendência a se espriar!
Fragrância que paira no ar! Sua melifluência ao vento!
Leveza de um pensamento, na fluidez da ternura!
Poesia, tens a candura de um nobre, excelso sentimento!

21 – Candura d'alma

Valdecir de Oliveira Anselmo – 25/03/2009

Nada como refocilar-se em recanto aprazível
E com a alma sensível inebriar-se com tal olor!
Esse tão decantado amor, melifluente, em tal paisagem!
Nessa doce e olente paragem, embevecendo a alma, em seu candor!

Ouvindo, de um álveo, sua limpidez murmurejar
Sente-se a alma deleitar ao ósculo da ternura!
Sente-se a quentura apetecível do entusiasmo a se imiscuir
Na alma, a deixar-se imbuir por uma dulcíflua candura!

Ah, nada como refocilar-se em um recanto aprazível!
E que uma apetecível fragrância que adeja num céu caricioso
Tenha tal frescor oloroso, tenha um afago tão meigo!
Imbuindo em nosso leigo espírito um poema amoroso!

22 – Num livro

Valdecir de Oliveira Anselmo – 28/03/2009

Lançamento do meu quarto livro, Estro

Num livro o espírito se refocila em sua oniricidade!
Há uma insopitável vivacidade quando, álaque, deambula
Sob o apanágio de um feitiço bom que regula um mundo
Em solo rico, fecundo, onde a esperança pulula!

Num livro o encanto está, não lhe sentimos a ausência!
Nele o entusiasmo, recendência anelada!

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

Nele feérica plaga, decantada em versos dourados!
Nele os seres amados refocilam, herós de opereta enlevada!

Num livro a luz atavia os seres, ávidos dela
Que intentam contê-la, abarcá-la, insuflando a essência!
Sentindo-lhe a olência apetecível como um ósculo requestado!
Sentindo o estreitar apertado, um abraço suscitando ternura, em aprazível melifluência!

23 – O canto de um anjo

Valdecir de Oliveira Anselmo – 03/04/2009

Meu anjo tem expressão donairoso!
Sua tez tão garbosa transluz seu encanto!
É tão nobre, portanto, sobejando graça, recendendo!
Meu anjo, assim escrevendo, inefável luz propalando nesse aprazível recanto!

Meu anjo tem melíflua voz! Canora, meiga e tão singela!
No seu timbre se desvela, a um só suave acorde, dulcifluente!
Meu anjo, lépido e contente, sobraçava a garbosidade!
E andava com tal deidade em um páramo tão olente!

Meu anjo! Sua poesia é luz para a alma minha!
Com ela o belo não se definha, não se esmorece jamais!
Ela transmuda os suspiros, os ais, em um canto de esperança solene!
Tornando o encanto perene e nunca o amor tão fugaz!

24 – Futuro da poesia: desvelar a beleza em si

Valdecir de Oliveira Anselmo – 12/04/2009

Quando lampejos de efusividade acometer nosso ser
Vem então lhe embeber, lhe insuflando alegria!
A tão vivaz euforia, um inaudito encanto!
Trazendo um méleo acalanto a oscular belo dia!

Busco a poesia para o meu espírito embevecer!
Sinto-a no alvorecer, na sílfide imagem de musa feérica!
Sinto-a na rica estrofe, que a melíflua voz do vento sussurra ao coração!
Sinto-lhe a canção que se imiscui em meu ser e deleitada minha alma fica!

Então, poesia, alardeamos nosso amor ao belo!
Tenhamos um tal desvelo, um tal cuidado, um tal acuro!
Para, na abluência, tornar puro nosso espírito na linfa poética
E nesse manancial busquemos a estética irreprochável para o futuro.

25 – Recinto iluminado

Valdecir de Oliveira Anselmo – 17/04/2009

Adentremos, poesia, nesse recinto iluminado!
Tenhamos o ser enleado ao encanto, nos entrajemos com esse!
Como se o céu descesse, incidindo em nós, se imiscuindo!

E nosso espírito sorrindo toda ternura contesse!

E tal recendência de um afeto puro, a impregnar o coração
Insuflando-lhe emoção a acometer nosso ser!
Deixando-o se enternecer ao afago tão efusivo!
Então será nosso atrativo o encanto que em nós nascer!

Adentremos nesse recinto de luz, poesia querida!
Façamos encômios à vida e a sua singela expressão
Façamos canora canção! Com voz melíflua cantemos!
E então no céu estaremos, inebriados com sua excelsa visão!

26 – Capitosidade da poesia

Valdecir de Oliveira Anselmo – 29/04/2009

Vamos, poesia, abluir nossa essência na inexaurível fonte de um puro anelo!
Vamos ter cuidado, desvelo, no trato com cada palavra, com todo carinho!
Vamos deixar no caminho a ternura em nossas pegadas, indelével no tempo,
inapagável!
Vamos sorver esse agradável, capitoso vinho!

Vamos, poesia, nos embeber na inebriância da inspiração!
Vamos buscar numa canção um lampejo de brandura!
Vamos nos insuflar de ternura com a sinfonia do encanto!
Vamos buscar o acalanto de um anjo em sua melifluente candura!

Vamos, poesia querida, inebriar nossa essência
Na meiguice, na inocência daqueles que flanam enlevados!
Vamos sorrir, enleados, estreitados num amplexo fraterno!
Vamos ter nosso olhar terno, a incidir nos semblantes amados!

Pensamentos

1 - O ânimo

Não deixe que se arrefeça teu ânimo mesmo que te digam que o que acalantas em teu espírito como anelo é algo insípido, sem fundamento ou improficuo, pois se abandonares teu ideal ao primeiro dissabor é sinal de que concordas que teu objetivo acalentado era insípido, sem fundamento ou improficuo e jamais saberá se realmente o era ou não, porque o primeiro arroubo, que suscita o primeiro esboço, pode ser algo ainda tosco, porém, com o tempo, podes ir burilando esse esboço e torna-lo algo sobejamente vibrante, algo digno de todo esforço para a sua consecução dispendido.

2 - Adversidades

A vida não é chata, nem monótona! As circunstâncias que às vezes são adversas. Mas isso, as adversidades, quase sempre, são ilusões, fugazes, que logo se dissipam, quando vem a luz de um novo dia, a trazer alento e nossas esperanças. Tudo acontece, sempre, para fortalecer o espírito e nunca para arrefecer seu ânimo, num flébil, plagente, suspiro. Antes a alma deve sorrir, não num ricto de desespero, porém num assomo de alegria, pelo simples fato de existir, de poder contemplar mais um arrebol e saber-se perfectível, susceptível à evolução sempiterna do ser, dia a dia, ano a ano, inexoravelmente, pois estamos fadados à perfeição, indo em direção à ela, quer percebamos ou não.

3 – O otimismo

Seja otimista, em qualquer circunstância. Contrafeito dirá que é inócuo ser otimista, pois efeito nulo terá contra o caos do mundo. O otimista não tem a pretensão de mudar o mundo ao talante do seu otimismo, mas harmonizar seu próprio espírito, imunizando-o de qualquer moléstia que acometer o mundo, no que concerne a sua psicofera moral.

4 – Natureza do espírito e destino

O Universo pode conspirar a favor, porém ele não pode realizar o que aos seres cabe realizar. Do âmago do Universo sopra o vento que enfuna as velas da nau da existência, mas se o espírito não se nortear pelo caminho que ele próprio se dispôs a seguir, esse vento, não obstante, continuará soprando e o conduzirá conforme a disposição dessas velas, malgrado o espírito não se imiscuir nas verdades concernentes à natureza do seu ser e não antever o seu destino, consoante a essa natureza.

5 – A postura diante do mundo

A reação do mundo é condizente e proporcional à tua ação diante do mesmo. Se te posicionares defensivamente o mundo será ofensivo. Se te mostrardes sereno ante as adversidades o mundo mostrar-te-á as alternativas para superá-las. Se arrostares o mundo com arrogância o mundo, simplesmente, desdenhará de ti, pois esse é inexorável, não se move segundo nossa imposição, nossa birra ou nosso débil querer. Ele, simplesmente, julgará tal postura risível, digna de escárnio e não a levará em conta. Pois a arrogância não denota força, assim como a mansidão não evoca a angelitude. A força está na postura e conduta ilibada, proba, correta e quem age consoante à retidão é sereno e dulcífluo e merecerá do mundo todo o respeito do qual fará jus.

6 – Testemunho alheio

Acalentamos as ideias ou pensamento de *sumidades* ou *reconhecidas personalidades*, quando as mesmas vibram, em unísono, com o que pensamos. Estão sentimos respaldados, arrimados, amparados pelos seus ecos, que ressoam, também, em nossos espíritos. Mas o que nos dá a garantia de que essas personalidades não possam estar equivocadas? Portanto é temerário acreditar, piamente, no testemunho alheio. Tenhamos o nosso próprio testemunho. Eis o que é, verdadeiramente, ser um filósofo. Pensar por si mesmo.

7 – Arroubo e comedimento

Devemos ter a esperança e o arroubo de um poeta, coadunados com o comedimento e a sensatez de um filósofo. Mas todo filósofo é sensato? Ser sensato é ponderar, sofisma ou falaciosamente ou, eventualmente, dimanar assertivas irrefutáveis. Portanto, todos os filósofos são sensatos, uns mais outros menos. Tudo depende aonde se quer chegar.

8 – A humildade

Sejamos humildes, pois um homem pode ser abastado de todos os bens materiais, pode ter um invejável cabedal de conhecimento, porém toda essa gama de conquistas se derruirá ante o descometimento desairoso de um só momento de orgulho ostensivo, pois um homem deve ser sabedor do seu potencial e salvaguardá-lo no ímo do seu espírito ou utilizar dos recursos disponíveis proba e sabiamente e não alardear pródiga ou pedantemente. Portanto oferecer o que se possui quando se lhe pedem, sempre com naturalidade e sem alardes demonstra que os recursos foram disponibilizados para o homem certo, tornando o mesmo merecedor desses e dos que advierem em acréscimo. Se não sabemos oferecer o que possuímos não somos dignos de possuí-lo.

9 – Espírito criador

Não espere que outros criem para você admirar. Crie você mesmo e além de admirar a sua própria criação, que alguns, erroneamente, chamam de orgulho, suscitará deleite ou satisfação em saber capaz de realizar opima obra. Eis a grandeza de um filósofo. Eis a grandeza de um poeta. A grandeza está no ser em si, mas ela se manifesta na sua própria criação. Sem a criação a grandeza do ser em si, se estiola, será estéril, improfícua, inútil. Então, criemos, com a força da nossa inspiração, da nossa imaginação.

10 – A força do verbo

Temos a liberdade para falarmos o que quisermos e onde quisermos, mas, às vezes, seria bom para nós mesmos que fôssemos mudos, pois, às vezes, nos enredamos nas tramas urdidadas por nossa falta de prudência ou nosso destempero. E as consequências de nossa falta de tato, indubitavelmente, advirão e elas serão tão funestas, tão perniciosas quanto arroubadas, inconsequentes e exaltadas forem nossas palavras. Mas se nosso canto for de júbilo, de alacridade e nossos colóquios dimanarem flamas de esperança e alento, aí sim exultaremos a graça de termos a voz, de termos o verbo, pois as palavras, quando melífluas, têm o poder de insuflar alento e esperança, mas quando ferinas, mordazes, podem deixar sequelas de dor e desequilíbrio.

11- A verdade de um filósofo

Um filósofo, dentre todos aqueles que almejam encontrar a Verdade, é, indubitavelmente, o que está mais perto dela ou já a tenha encontrado, pois das suas conjecturas, suas ponderações, das suas idéias aventadas, suas ilações e suas suposições, entre todas elas há uma, invariavelmente, que se identificará com a Verdade e, por mais que esse não a identifique, prontamente, como tal, essa verdade o embeberá, dela o filósofo ficará imbuído, ela lhe será intrínseca, imanente e ele viverá sua vida, doravante, sob a inspiração dessa verdade, cada dia, sem ao menos, as vezes, ter consciência disso, pois a Verdade, quando perpassa por um espírito, se insufla nele e ele passa a viver consoante a ela e ela será a tônica, o sustentáculo de todo o seu existir.

12 – Momentos ensejados

Tudo tem que acontecer no momento certo. Quando as ideias não confluem para algo específico, deveremos dar um tempo, para que quando chegar o ensejo, o momento propício para aflorar tal ideia, a mesma venha a eclodir, suscitante proficuas realizações. Às vezes os nossos anelos ou aspirações não são realizados ou confirmados segundo nosso talante ou nosso querer, nossa vontade. Quando inexequível ou irrealizável for tal anseio era simplesmente porque o espírito ainda não estava pronto para viver ou assimilar a realidade suscitada por tal anseio. Tudo vem ao seu tempo. Se o espírito acalantar em seu imo seus anelos, com sinceridade, sendo honesto para consigo mesmo, esse desiderato estará, indelével nos escaninhos do infinito e eclodirá, ao seu tempo, medrando, vicejando, pujantemente, no solo fecundo da realidade, sob a luz de um pulcro porvir, de um futuro deleitoso, prazeroso, pois ele é tudo que desejamos, indubitavelmente.

13 – A imaginação e a realidade

Apenas podemos imaginar muitas coisas, aventar nossas próprias ilações, sem saber, ao certo a verdade imanente sobre aquilo que podemos apenas admitir hipoteticamente. Só quando estivermos embebidos nas tarefas ou empreendimentos ou circunstâncias, inerentes ao que dantes supunhávamos, tão somente, saberemos a realidade intrínseca nesse meio obscuro no qual estamos embebidos, que perpassa em nossos espíritos e nos toca, sutilmente, até incutir sua flama, quando ficamos insuflados da sua realidade. Portanto, manter o espírito desperto, sem preconceitos, sem dogmatismos herméticos, que bitolam o espírito, nos tornará mais suscetíveis de sermos inspirados pela Verdade.

14 – Soluções

Nenhum problema é insolúvel, tudo pode ser resolvido. A confiança em si mesmo é tudo. O equilíbrio, a paz de espírito, a serenidade, suplantam os reveses, as vicissitudes, da existência. Deixe, por um instante, de olhar para o mundo e quando ensimesmada a alma, aplacada a ânsia, alijada as ilusões, rechaçadas para longe do convívio com o espírito, tão longe que não possa arregimentar, aliciar as almas incautas, invigilantes, quando o espírito voltar para si e perceber a sua grandeza rir-se-á das ilusões pueris que acalentava e então se soerguerá, arrimado ao fomento das sensações, dos prazeres, das aspirações que lhe são afins com sua natureza e, por conseguinte, naturalmente, dissipar-se-á toda e qualquer ilusão, que só acometem o espírito de enfermidades, ansiedades e depressões, pois essas não são mais do que a falta de perspectiva, de

esperança, de uma visão mais excelsa, superior de si mesmo e da própria existência. Quando se percebe que os problemas existem para superarmos os mesmos e verificarmos, com essa superação, que somos muito mais do que imaginamos, buscaremos forças, e haveremos de perceber que a força maior está em nós mesmos. E então aprenderemos e nos acostumaremos a sermos grandes, sublimes e maduros espiritualmente. E toda a ansiedade, todos os problemas que enfrentarmos serão tão pequenos, ante a possibilidade, o vislumbre da nossa própria grandeza.

15 – A verdadeira batalha, o verdadeiro herói

Não encare o mundo como teu adversário, como teu oponente. O mundo não o é. Não te debele contra ele. Ele apenas coaduna as tendências, as energias de bilhões de espíritos, cada qual com o seu farnel, com sua bagagem, com suas consubstancias de luz e de sombras, hauridas em sucessivas idas e vindas, transpondo as barreiras de dois planos existenciais. É inconcebível lutar contra bilhões de consciências, quando sequer conheces, amiúde, as tramas existenciais, os refolhos conscienciais, de uma só dentre elas. E quando julgas conhecer, tão pouco toca-lhe a superfície do ser. Não conhecemos, às vezes, nem a nós mesmos, não nos reconhecemos. Surpreendemo-nos em ações e palavras que proferimos, que logo mais adiante, reprochamos, em auto-censura. Conhece-te a ti mesmo. Em ti encontrarás, não o teu inimigo, porém o campo de batalha, no qual debes travar a luta, contigo mesmo, para tua própria evolução, rechaçando, alijando, com golpes precisos, para bem longe de ti aquilo que destoa a beleza e a virtude, extirpando, extinguindo, por completo, em fulminante estocada, essas tendências deletérias, para que suas energias não alcancem outros irmãos em batalha, em suas próprias batalhas.

16 – A empatia

Demonstre sempre, em cada dia, que és alguém que se esforça para superar a própria tendência humana ao desequilíbrio, a própria susceptibilidade a ele, quando algo ocorre em desagrado, quando algo ocorre em desconformidade com o pensamento que acalentamos, egoisticamente, de que tudo tem que ser conforme o que pensamos, o que julgamos certo ou o que é bom para nós, independente de o ser para os outros. Quando aprendermos a ter empatia, a nos colocarmos no lugar do próximo não haverá atrocidades, escândalos, não impingiremos dor ou angústia à ninguém, pois então estaremos cômnicos de que tudo se reflete em nós mesmos. Não é apeteável, não é deleitoso, ver um sorriso nos olhos de quem estimamos? Sentimos-nos felizes por isso. Não há felicidade no egoísmo. Há apenas desconfiança e descrença, em qualquer grau das relações humanas. Façamos a nossa parte. Pensemos: Muito do que o mundo é hoje é um reflexo das tendências que ainda latejam em nossas almas. Portanto, se cada um modificar o padrão de pensamento, alijando as más tendências do nosso ser, não mudaremos de supetão o mundo, moldando ao nosso talento, ou à nossa percepção de certo, de bondade e de paz, por mais que sejam corretas e justas, o mundo não irá mudar. Pelo menos mudaremos algo em nós, para melhor. E plantaremos, com nosso exemplo, uma pequena, porém, não ínfima, não insignificante semente, que um dia, certamente, dará bons frutos. A semente da simpatia, da cordialidade, da empatia, tornando a coexistência dos seres humanos mais fraterna, mais harmoniosa.

17 – O bem e o mal

O Mundo, realmente, é lindo, a Natureza é harmoniosa e radiante, em toda a sua nuança de cores e formas. O arrebol, os primeiros raios do Sol! A limpidez e o murmurejar das fontes! A suave melifluidade das águas! O méleo perfume das flores, de vivificante alento! Realmente, tudo isso é lindo! Por que, então, não nos embebemos nessas coisas belas e simples da vida ao invés de nos agastarmos, nos impingirmos tormentos desnecessários e sem sentido? É tão simples! A maldade está no espírito humano. Temos todas as condições propícias para sermos felizes e bons. Se escolhermos a maldade devemos arcar com as consequências e não justificá-la e não nos eximir, colocando a culpa em Deus ou em um ser eternamente fadado ao mal, que criamos para justificar nossas fraquezas. A culpa é só nossa. Temos o livre arbítrio. Podemos escolher. Não se pode conceber nada mais justo. A intervenção Divina seria, sim, uma arbitrariedade, uma tirania. E a tirania é própria do ser humano. Não é um atributo Divino. Aliás, num mundo imperfeito, como esse, é necessário contrastes. É necessário que haja o mal para que se dê valor ao bem. Mas quem escolheu esse caminho foi o espírito humano e ele deve aprender com isso, a lidar com isso e a se depurar, se burilar, até chegar a um nível moral tal que a maldade será alijada das sociedades humanas, nesse planeta. Pois a maldade, o mal, não é eterno. O bem o é.

18 – Razão e emoção

A emoção deve ser um estímulo, uma agitação do senso moral, suscitada por uma situação provinda do meio no qual a personalidade está embebida e com o mesmo interage, e que aguça, fomenta a sensibilidade, dando ao indivíduo maior acuidade e julgamento profícuo, útil, das situações, sim ela pode e deve andar junta com a razão. Agora, se a emoção suscitar tão somente uma agitação de sentimentos desconexos, de medo, de surpresa paralisante, já não há nenhum liame, nenhuma ligação com a razão, pelo contrário, a entorpece e agimos instintivamente. A emoção faz parte do nosso espírito. Está imanente a ele, assim como outros sentimentos estão. Mas assim como todos os sentimentos que possuímos, também a emoção deve ser comedida, deve ser controlada. Devemos fazer dela, como de todos os sentimentos, um sustentáculo, um suporte, um apoio, tão somente, para galgarmos sentimentos mais depurados e não sermos dominados por ela, não deixar que ela nos embeba, nos engolfe em estados emocionais sufocantes e doentios. Devemos dosar a emoção com a razão. sempre.

19 – O amor e a paixão

Amor é confiança, respeito, afeto, troca de experiências, conhecimento, amizade. Paixão é ciúme, é dor, é apego desmedido, é sentimento de posse. Não crie expectativas com relação a ninguém. Não há decepção quando se percebe que as pessoas só poderão oferecer aquilo que já possuem em seus espíritos, nada mais. Aqueles que desconfiam dos outros são aqueles que não estão seguros de si mesmos, de suas próprias tendências. Percebas: vemos nos outros o que existe em nós mesmos, o que seríamos capazes de

fazer se estivéssemos no lugar do outro. Não sintas ciúmes de ninguém. O ciúme não é amor, é um sentimento de posse infundada e irracional. Ame, não loucamente, não desvairadamente, mas mansamente, docemente, te embevecendo, te alegrando o espírito, te deleitando, como quem contempla um lago plácido, como quem se deixa embeber na aprazível luz do sol, no arrebol, ao alvorecer. Quando disseres a alguém "Eu te amo" não espere por resposta. O "Eu te amo" é uma afirmativa e como tal não necessita de resposta. Não digas "Eu te amo" esperando um "Eu te amo também", para que somente assim possa sentir-te feliz. Se disseres a alguém "Eu te amo" e isso alegrar o teu espírito, embebê-lo na luz, e não esperares nada em troca, saberás que realmente amas alguém.

20 – Sabedoria e inteligência

A inteligência é a capacidade de escolher entre várias alternativas, de julgar, de discernir. A sabedoria consiste em saber o que fazer com esse conhecimento, como utilizá-lo de forma prudente, moderada e profícua, útil. Mas não basta, simplesmente, experienciar ou vivenciar as circunstância da vida, nem tão somente a erudição, a instrução vasta e variada, não aplaca toda a ansiedade do espírito, que também é intelecto, é razão e, por conseguinte, é ponderação. A simplicidade do espírito é bela. A cientificidade, o seu intelecto, a sua lógica é a sua lucidez, seu brilho. A sua sensibilidade é o seu carisma, seu fascínio. A sua sabedoria é o seu divinal suspiro. É preciso, portanto, a simplicidade e humildade para assimilar as verdades, hauri-las, em hausto de alegria e paz, a cada novo arrebol, a cada novo raiar do sol. É preciso ciência, conhecimento, para concatena-las, classificar, catalogar essas verdades, para dispor delas com abalizado discernimento, proficuamente, utilmente. É preciso a sensibilidade para encontrar nas coisas simples da vida, como um sorriso, um olhar terno, o perfume suave de uma flor, alento, inspiração, felicidade, alegria, harmonia e paz. É preciso sabedoria para coadunar, reunir no espírito a simplicidade, a ciência e a sensibilidade. Qualquer um pode se tornar inteligente, ter uma gama enorme de conhecimento, de erudição, mas ser sábio requer uma visão bem mais criteriosa, permitindo distinguir o verdadeiro do falso, do que é especioso ou que do que é verdadeiramente belo, negar, aceitar, avaliar e fazer a escolha, conscientemente.

21 – Paciência

A paciência é um estado de equilíbrio emocional tal que nada negativo, provindo do exterior, é suficientemente forte para abalar esse equilíbrio. É um saber, uma consciência superna, superior, transcendente, de que se está em paz consigo mesmo, de que não precisamos lutar contra o mundo para impormos nosso ponto de vista, pois estamos seguros dele, ele nos basta, responde, a contento, nossas indagações e aplaca nossos anseios. É não se perturbar com as críticas alheias. É estar-se seguro de que se faz o melhor, de que de ti transluz o que tens de melhor. Agir sempre de acordo com os ditames de tua consciência, sempre em prol da justiça, da probidade, da retidão. A paciência advém disso. De um estado superior de espírito. Não admoestes tanto o vosso espírito quando errares, para que esse, condoído de si mesmo, não venha ensimesmar-se nas trevas do desespero. Conserves a serenidade, que é um atributo da paciência, construindo com teus erros o baluarte para o teu espírito, que te protegerá contra a

tentação de cometeres, doravante, erros semelhantes, pois já sabes a consequência que deles advêm, pela própria experiência. A paciência é a perseverança tranqüila, extirpando, pouco a pouco, os vícios e defeitos da alma, sem se exasperar, sem se exaltar ou ficar demasiadamente preocupado por não ser perfeito em um aspecto, mas ter a calma para, paulatinamente, ir burilando, ir se depurando, ir se aperfeiçoando.

22 – Comportamentos alheios

Não faças alusão a comportamentos alheios em teus colóquios. Não é delicado urdir ilação do que levou alguém a agir de tal ou tal modo. Se assim o fizeres podes certo estar de que não estais tão longe de cometeres semelhantes atos ou piores. Pois o que te choca, o que te causa abominação a ponto de criticares é o que de algum modo lateja em ti mesmo e queres expulsar, dissipar, extirpar em teu próprio espírito. Não julgues. Percebas: os verdadeiros sábios, e esses são poucos, quase raros, não julgam, pois eles, a miúdo, sabem da susceptibilidade do espírito humano em incorrer em erros, em perpetrar ações repreensíveis, pelo fato de ainda não se imiscuir na totalidade, ainda não possuir o espírito empático, próprio dos seres que já alcançaram o ideal de fraternidade e igualdade. Portanto, afora os sábios, todos nós outros somos susceptíveis de incorrer nos mesmos erros que criticamos, que notamos em nosso próximo. Ainda não temos o espírito complacente de irmãos superiores, que ao invés de julgar, orientam, não com palavras que o vento leva, mas pelo próprio testemunho, pelas próprias ações, dignas e meritórias. Que balizamento temos para julgar se até os espíritos elevados moralmente, não julgam? Percebas: - os iguais julgam seus iguais – mas não perturbes teu espírito, meu irmão, a ponto de torná-lo endurecido, insensível. Percebas: nos mundos inferiores moralmente é necessário que haja ações animais, aquelas que criam seres brutais e hediondos, para que o espírito com tendências mais excelsas, com pensamentos mais depurados, mais susceptível ao acalanto da luz, vislumbre a grandeza e a beleza do que é justamente oposto e essa grandeza, essa angelitude, almejar, com todas as fibras de sua essência, criando bases espirituais propícias para a edificação de um mundo melhor.

23 – Crença e convicção

Há a crença e a convicção. A crença é subjetiva. A convicção é baseada num conhecimento empírico ou numa filosofia positivista. Mas antes de estar-se convicto é preciso crer ou descrever, a priori, de alguma coisa, para então, a posteriori, submeter o objeto de estudo a uma exaustiva e extenuante análise, burilando, escoimando, lapidando o objeto da crença ou descrença até torná-lo irrepreensível, irretocável, irrefutável. Só então terás a convicção.

24 – Verdades micro cósmicas

O ser humano é um ser religioso, por natureza, pois busca respostas às questões essenciais: quem somos, de onde viemos e para onde iremos? Criados ou emanados fomos ou obra do acaso? Estamos embebidos no pensamento de um ser superior ou estamos relegados ao perpétuo isolamento em nós mesmos, portanto não sendo nada além da nossa própria finitude? O ser religioso em nós é um ser indagador dessas questões, portanto um ser com pensamento dinâmico, e não como um ser dogmático,

com pensamento restrito. Existe uma diferença entre religião (instituída) e pensamento religioso (a crença imanente em nós). O ser humano é um ser intrinsecamente religioso, quer queira quer não, pois crê em alguma coisa, nem que seja no acaso. A verdade de cada um é uma verdade micro cósmica até que alguém ou algo nos desvele a verdade em si. É uma questão de fé. Essa fé é sempre pessoal. A crença (dogmática) pode ser imbuída, pode ser inculcada, mas a fé não. A fé é pessoal, é algo que ninguém pode te imbuir, é algo que ninguém pode te inculcar. É a força do espírito, enquanto que a crença é o seu arrimo. A força alimenta o próprio espírito, lhe dá poder. O arrimo ampara a sua fraqueza.

25 – Ação e reação

A maneira com que agimos com relação às pessoas implica na maneira com que elas vão nos responder. Se tratares alguém com atenção, carinho, desvelo, alegria, terás em resposta, atenção carinho, desvelo, um sorriso. Porém, se tratares alguém com desdém, com arrogância, com antipatia, terás desdém, arrogância, “cara fechada” como resposta. Mas se tratares alguém com desvelo, com carinho, com paz e receberes respostas antagônicas, não te agaste, não te melindres, não te entristeças. Fique sereno. Essas pessoas estão enfermas espiritualmente. E, se não puderes dar-lhes o lenitivo, um remédio que aplaque as ansiedades de seus espíritos, ao menos não te irrites, não te aborreças, não guardes mágoa dessas pessoas. Mantendo-te calmo, sem alterações improficuas em teu ânimo, pelo menos não irás agravar o estado doentio delas. Serás caridoso e isso ser-te-á levado em conta.

26 - A importância do artista no contexto multifariado pela idiosincrasia cultural

Indubitavelmente a cultura está aliada ou vinculada ao comprazimento das sociedades, o que os indivíduos, como unidade, absorvem ou assimilam, de forma imanente em seus atos e que a coletividade abarca, incluindo no rol do que lhe agrada, como sustentáculo da mesma. O que lhe caracteriza. Os artistas, geralmente, vão na alheta desses gostos acalentados pela sociedade coeva e suas produções vão de encontro aos anseios dos seus contemporâneos. Ao artista não cabe o estar infenso aos gostos vigentes, pois se o mesmo se enveredar pelos meandros caminhos da extemporaneidade, o cutelo da cultura arraigada na contemporaneidade cerceará seus propósitos. Assim pensam os vacilantes. Então o artista deverá ter uma postura perfuntória, seguindo os padrões estabelecidos pela cultura vigente só para o agrado da sociedade ou o mesmo, como tal, obrigação terá de se desvincular desse padrão, caso em que com o mesmo não acha afinidade, não esteja afeito, arriscando ser incompreendido pelos seus contemporâneos, porém se auto-afirmando como autêntico? Ao artista cabe coadunar a sua produção artística com os anseios dos seus contemporâneos, corroborando, legitimando, com essa postura, a cultura em voga, caso esteja a sua vontade sob os grillhões da veicidade, porém, caso não concorde com os aspectos culturais dominantes, alardear, em altos brados, não com voz tonitruante, porém com a sua obra, evocando outros aspectos concernentes a uma postura cultural de antanho, do prístino ou indo além, para o pósterio, para o futuro, caso em que encontre nessas posturas culturais a beleza em si, a qual deve deleitar o artista? Pois o verdadeiro artista deverá buscar a beleza das coisas, exterior a si mesmo, se não encontrar o belo em seu próprio âmago, onde quer que ele o vislumbre, no passado, lá, no presente, aqui, ou no futuro, acolá.

Disso se infere, tem-se por ilação, que o artista é um visionário. O mesmo está além do seu tempo, eterno inconformado.

A arte deve ter uma função vanguardista e não mimética? Mas há de se ter cuidado, nesse tocante, pois quando se fala em vanguarda extrapola-se equivocadamente e acredita-se que tudo é permitido na arte. Talvez essa seja a pior das falácias apregoadas pelo Modernismo e que os artistas devem rever para que a arte não vire um lugar-comum.

27 - Habilidades inatas

Não te exija o ser bom em tudo. Isso é supra-humano. Mas seja bom naquilo que propuser desempenhar, naquilo em que teu espírito se afina, naquilo para o qual tens tendência. Aprimore essa habilidade inerente a ti, a ti inata. E através dela terás tua exultação. Não o reconhecimento do mundo, pois isso é de somenos importância, mas um subliminal estímulo, o qual te servirá como alento e te dará luz própria, que norteará doravante teus passos, resolutos e confiantes.

28 - Os grandes homens

Os grandes homens não são, necessariamente, aqueles que escrevem grandes verdades, mas aqueles que assimilam as grandes verdades em seus espíritos e as manifestam em cada ato e em cada pensamento da sua existência. E exortam o seu próprio equilíbrio, sua própria harmonia, arrimado nelas. As grandes verdades não pertencem a um único homem, porém a sua índole, a sua postura, é seu patrimônio. Indelével e imanente patrimônio, posto que lhe seja peculiar, próprio de si.

29 – Inexorabilidade da poesia

A poesia possui a inexorabilidade daquilo que é fadado a se expressar, malgrado o querer do poeta. Se o mesmo é relapso, desleixado, a poesia buscará outro poeta para se expressar e aquele que lhe não atendeu o chamado se embeberá na agonia atroz daquele que, quando tinha a melíflua fonte do leite para dessedentar seu espírito, a desprezou para buscar a aridez no ermo de uma ilusão. O pior de todos os descabros que podem acometer o espírito de um poeta é justamente a ilusão.

30 - Sobre a limpidez da verdade

Não graciejes, nem rias maliciosamente, tolamente, daqueles que se empolgam em defender suas crenças, seus ideais, suas aspirações, com paixão, com o entusiasmo daqueles que embebem o espírito na luz que dimana de suas convicções, pois não sabes tu sobre o manancial da verdade na qual seus espíritos hauriram tais certezas. Percebas: Há uma única verdade e essa é inexorável, não se abala, não se move num só ponto, não obstante pululem verdades, dimanantes de cada espírito, ou seja, verdades acalentadas por cada indivíduo e que não abarca a totalidade da verdade em si, nem a modifica, a distorce ou a corrompe. Portanto pouco importa se tu creias ou não nela e também não importa se aquele que se empolgou em alardear sua verdade esteja certo ou não. Percebas: Isso não irá mudar nada. Portanto estejas desperto, para que quando chegar o momento de dissipação de toda ilusão, a verdade não te surpreenda, não te pegues desprevenido.

31 - Sobre a esperança

Reflitas: os dias nublados, os dias cinéreos, chuvosos são até apetecíveis, são até ternos e acalentadores, pois tem-se a esperança de que logo o Sol se imiscuirá por entre as nuvens e seu vivificante alento, se espraiando pelo dia e incidindo nos corações anelantes de luz e vida, em sua plenitude, vem trazer a alegria de viver, de sentir o pulsar arrebatador do coração. São dias de reflexão, dias introspectivos e que suscitam expectativas alentadoras e acalentadoras quanto ao Sol que, indubitavelmente, virá.

32 - Sobre os sóis

Cada alma tem seu cabedal de conquistas, seu farnel de provisões para os momentos tristes ou quando algo em desagrado ocorrer, para que a alma se embeba e se nutra de paz e equilíbrio, pois é tudo que a sustém, que a soergue, que a eleva, quando o mundo, às vezes, a maltrata ou a não compreende. Nada é mais forte que nossa alma e nada, nem ninguém, deve melindrá-la ou magoá-la. Nada como um sorriso, um gesto terno, embebido em sincera afeição, para aplacar qualquer dissabor que a desarmonia de alguém suscitar ao nosso espírito angústia ou dor. Tu és um sol. Cujo sorriso irradia de luz e paz e incide nos corações dos que estão próximos. Aliás, todos somos sóis, porém alguns estão eclipsados. Sejas como o Sol, que apesar de ser testemunha de tantos disparates, tanta atrocidade, tantos malefícios que o homem perpetra contra o próximo e contra si mesmo, o mesmo não deixa de brilhar um dia sequer, vivificando de alento os corações e norteando, com sua luz, os que estão perdidos na escuridão.

33 - Sobre o ígneo fulgor

A beleza transluz da alma com o lírial anelo do espírito susceptível ao acalanto do belo e harmonioso enlevo, o qual insufla de encanto a angelitude em si dormente e soergue, solícita, a alma humana, embebida na tremeluzente luz do mundo. Todo espírito é um manancial de ígneo fulgor, porém, ao longo de suas tendências pode a linfa de seu encanto ter o turvamento das paixões incontidas ou a limpidez do regalo sereno da ternura. Externar a efusão da alma quando seu sonho se espraia ao longo do páramo aprazível de seu anseio é como embeber-se o espírito em um inefável leite. É como insuflar o coração do perfume que recende à placidez de um sonho acalentado pela doçura e candidez dos sentimentos. A beleza resplandece com o respaldo da luz granjeada pelas virtudes imarcescíveis do espírito. Essa é a beleza mais excelsa e digna que se possa almejar. Além dela só há ilusão. Alijada a alma da luz seus anelos são disformes e seus sonhos são baldados pelo desencanto.

34 - Sobre as vestes do espírito

Os corpos são as vestimentas do espírito, porém este é desnudo como seus pensamentos e tanto mais bela é a sua nudez espiritual quanto mais despojado estiver dos adornos desses entrajés fugazes, os quais, muitas vezes, são luzes bruxuleantes, que se desvanecem ao bafejo do decantado ideal de pureza. Exala dos corpos a luz de seus espíritos e tanto mais encanto terão estes corpos quanto mais luz transluzir dos espíritos que os animam. Só o que é lididamente belo chega ao céu. O resto vira pó. Eis a beleza inaudita na qual a poesia humana, em sua sede de luz, busca se embeber e dessedentar-

Desiderato de um aedo: poesias e pensamentos – Valdecir de Oliveira Anselmo

se. Aquela que dimana dos corpos afeitos à luz e ao equilíbrio e se propala e insufla de regalante encanto todas as formas tocadas por seus olhares cândidos, de vivificante harmonia, pois é um toque de criação.